

Trimestre.....	24000
Semestre.....	48000
Anno.....	86000

# O PENSADOR

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

El se publica sem fins lucrativos, e é administrado por um comitê de direção, composto de homens, em número de cinco, escolhidos entre os membros da Associação.

[S. Paulo, 21 de Junho, Republica da G. N. O.]

Maranhão, 20 de Novembro de 1880

Propriedade de uma associação

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE NOVEMBRO DE 1880.

A hyena é um animal que descortea cadáveres para fazê-los pasto de sua esfaimada ventra. O sacerdote do seio do absurdo descortea dignas para saciar seu grande apêlito d'escravizar as consciências. A hyena vaga nas brevas dos cemitérios. O sacerdote—na escura noite da ignorância.

E foi no seio da maior noite da humanidade—a idade-média, que o gigantismo religioso desenvolveu o maior dos absurdos. Um absurdo gigante—um dogma monstruoso. Um absurdo—cataclismo imenso no mundo moral. Um absurdo dado à luz pela ambição ferocidade pelo fanatismo dos povos. Um absurdo—Papado, que tem por sustentáculo—um pedestal d'infâmias. Estatuas e pedestal tem um só nome—Egreja Romana. Este nome é o do maior vergão da humanidade.

A idade-média, essa epocha de barbarie e de destruição também soube crear. O pharizéo que se acobertava com as vestes de discípulo de Jesus ferulou com seus crimes a barbarie. Foi o coherer. E a concepção foi enorme. Mais que enorme, foi tremenda. Foi um monstro que a idade-média criou. Um monstro gerado na corrupção dos povos. Um monstro alimentado com o sangue de milhares de gerações. Mais que um monstro—um colosso de trevas. O Papado.

Foi sua criação gigante. Foi a incarnação do mal na terra. Christo fôra o verbo do bem. O Papado—a synthese absoluta do mal. Duas forças contrarias a fez, em quatro seculos de distancia. Uma que rebotava para fazer a luz as nações. A outra que surgiu para arvoçar no orbe a escuridade das trevas. Uma que trabalhava para a humanidade. A outra que ferulou para a tyrannia. Uma que pregava a lei do amor. A outra que propagava a lei do odio. Uma—Christianismo. A outra—Catholicismo Romano. Uma—Eden de luz para os povos. A outra—barrilão de trevas para as nações. Uma—o engrandecimento da razão, da consciencia. A outra—a vergonha eterna do pensamento.

Papado! uma palavra que hoje os povos não comprehendem, mas que o passado soletra em letras de fogo. Papado! um abismo de corrupções que durante seculos sorveu toda a força das nações. Papado! a última das hobeladas que a sombra de Calphaz deu nas faces do Christo. Papado—a vergonha das vergonhas—a infâmia das infâmias!

Papado! Queréis saber o que foi essa instituição satânica? Basta que vos pintemos uma das paginas da vida de um Papa. Basta que estejamos um dos Neros da Egreja. É sufficiente que vos fallemos de Innocencio III.

—De Innocencio III?  
—De Innocencio III, um Papa infame e cruel como quasi todos os Papas.  
Os Papas só são bons por excepção. Exceção a instituição que produz estes monstros.

Desde que o Christianismo espalhou-se pelo mundo commuticára as doutrinas, em toda a parte se erguera a controvérsia sobre os pontos da fé christã.

Considerada como uma religião a legítima da liberdade de que o Christo foi o protagonista, em breve teve a sorte de todas as religiões. Deu lugar a discussões intermináveis como o são sempre as que tem por objecto um mundo supra-sensível. Abriu o campo de uma luta moral completamente esteril que cada vez mais augmentava as brevas que circundavam a humanidade.

Como porém seja sempre a força que dá a lei, uma forma de crencas aceita pelo bispo de Roma impoz-se a todos os povos christãos. Era uma forma creada pela tyrannia para o endurecimento dos povos. O pensamento só era permitido ao homem nas raías d'esse círculo de ferro em que se lhe encerrava a razão. Preciso era ser atildado, e pensar διαφορεente seria uma heresia.

A Egreja Romana começava a reinado da opposição espirital. Trabalhando para seus fins tenebrosos, tinha primeiramente em vista curvar todos os espiritos ao seu dominio. Senhara das consciencias eia poderia ditar leis a todo o mundo. Começava pelo despoisimo moral para mais tarde o transformar em dominio absoluto sobre a humanidade. Antes de se apoderar do homem o pharizéo principia a deturpar-lhe a razão. Era o meio mais simples de chegar ao fim desejado.

Toda a força que se apresenta soffre sempre como consequencia o ataque de de uma força opposta. As crencas orthodoxas tiveram portanto contra si uma forte resistencia. A heresia appareceu, e multiplicou-se de uma maneira assombrosa. Propagou-se porque era perseguida, e como todas as ideias perseguidas auria alento na perseguição. Lavoura como um humido rastilho, e toda a força de que dispunha a Egreja, que já então tinha Papas, foi impotente para lhe obstar aos progressos.

N'esses longos seculos de treva que começou a idade media ves-se a cada momento a heresia erguer o eido para lançar a luz as faces da Roma Catholica. A idade media que é o reinado do despoisimo sacerdotal tambem é da heresia. São duas forças que se guerreiam. Uma tem assento no throno dos Papas. A outra—reposta nas bases da liberdade do pensamento humano.

Usando de seu enorme poder a Roma papal mais de uma vez combateu a heresia que pretendia destrui-la. Foi-o primeiramente por meios espirituais. Nada conseguiu. Armou-se porém para um combate mais serio. Quiz alargar o pensamento a um mar de sangue. Pretendiam suffocar a voz da humanidade por meio de supplicios. Inventou crueldades para obstar aos progressos da razão humana. Quiz finalmente matar a heresia, a heresia que a cada passo lhe rebentava de baixo dos pés.

Um dia os habitantes do meio dia da Franca sentiram em si lavar a heresia. Viram-na convulsa-os a pensar. Elles pensaram. O Papa viu-lhes o pensamento. Teve medo. Matheobos, disse elle. Sejamnos amigos. É melhor de que sermos victimas. Guerra a esses infames que pensam διαφορεente de nós. Cruzada contra esses malditos que se atrevem a não raciocinar como nós raciocinamos. É crime não aceitar as crencas como nós a prescrevemos. Pensem como nós, ou erão o ferro e o fogo nos darão a razão. E o Papado preparou-se a exterminar os hereticos.

Os hereticos eram os Albigenses.

O Papado era então representado por um cambal—Innocencio III.

Innocencio mataria os hereticos.

Ha um problema que desde a remota antiguidade tem atraído a attenção do homem. E é da origem do bem e do mal.

Aspirando a uma felicidade constante o ser humano nunca pôde acostumar-se a uma realidade physica—a dor. Procurando evitá-la, cado sempre a um dedalo de pensamentos contradictorios e indifferentes. Nada conseguiu desculhar senão o nada do homem ante a immensidade do Universo.

Christo, cujo moral tinha por fim fazer o homem a ser bom, nunca se lembrou de querer explicar a origem do bem e do mal. Questão desinteressante a humanidade, nunca pôde dever d'ella occupar-se. Procurava ensinar o homem a distinguir essas duas forças oppostas, mas, sabio e humilhario, nunca pretendeu apresentar uma solução apparente d'esse problema insolvel.

Seus discipulos não o comprehendiam porém. Deixando-se dominar pelas ideias de controvérsia, pretendiam, como os Periss, explicar a razão d'esse phenomeno physico. Julgaram necessario dizer ao homem d'onde procedia o mal e o bem. Invocaram uma revolta dos anjos, e a grande ideia de Deus oppozta a de Satan.

Um absurdo restava porém a resolver. Era provar como é que Deus—a ben, lidia dolo dolo nascimento a satã!—o mal. Era mostrar como a luz havia gerado a treva. Fizera-mo porém, e com a dialectica do absurdo—theologia, resolveram este inmensa absurdo.

Hoje contudo homens que se não deixaram vencer pela avalanche de poderias com que se pretendia explicar um facto de impassivel explicação. Foram os manicheos. Respeitando, sustentando o Deus, não podiam conhecer que elle fosse pai do mal. Revoltaram-se contra a explicação dos christãos e fizeram uma seita a parte. Combateram os seus adversarios, e propagaram no mundo as suas doutrinas odiosas.

Foi portanto o manicheismo uma das primeiras heresias que rebentaram no seio do Christianismo. Essa heresia desenvolveu-se nos primeiros seculos, em quanto a Egreja, ainda feaca e sem poder, nada podia fazer para obstar-lhe ao crescimento.

A Egreja parecia crescer. No seu crescimento oliam em torno de si. Via o manicheismo progressivo. Tremem. Só ella queria ter o monopólio da crenga. Perseguiu os manicheos. Queimou-os em Orleans. Declarou-lhes guerra d'exterminio. Era hereticos que se devia matar para maior gloria de Deus. Deos tem sido sempre a egide das crueldades e do cambalismo da Egreja. A Egreja queria dominar, e para dominar preciso era que todos pensassem com ella. Os manicheos não pensavam. Era legião matalos.

Assim o pensou o Papado. Assim o entendeu o Catholicismo.

E os manicheos morreram. Morreram para mais tarde ressuscitarem. Ressuscitaram com o nome de Albigenses.

Foram estes Albigenses que Innocencio III matou.

Matou-os com dolo auxiliares poderios—um santo—verdugo e um cavallei-

ro—carrasco. S. Domingos e Simon de Montfort.

Foram dois carrascos dignos de Innocencio III, dignos da Egreja.

A Egreja é o patibulo das consciencias.

Pregar cruzadas contra o islamismo fora na idade media um direito dos Papas. Direito de sangue que a Europa satisfizes com os milhares de homens que arrojou nos campos da Palestina.

Innocencio III não tinha já que combater o islamismo. Havia uma força que mais que o mahometismo elle desajava exterminar. Era os Albigenses, esses homens atrevidos que usavam dizer á Egreja que ella era uma heresia corrupta, indigna de pregar na terra a moral do Christo. Era os Albigenses, que ressuscitando as crencas dos manicheos, tentavam estabelecer uma nova religião subversiva do Catholicismo. Era os Albigenses—uns inimigos da Egreja. Foroso era destrui-los. Convinha que elles desapparecessem da face da terra.

Innocencio pregou uma cruzada contra elles. Uma cruzada mais infame que todas as cruzadas. Uma cruzada entre povos christãos. Uma cruzada em que os habitantes da norte da Franca iam degolar seus irmãos do meio-dia. Uma cruzada dirigida por um lobo—Simon de Montfort, esse execravel bandido, que em horrores só pode ser excedido pelo mais execravel ainda homingos de Gussana, esse infame que a Egreja tem offerecido á veneração dos homens.

Innocencio era um grande despota. Habil e cruel todos os meios lhe convinhava para estabelecer o seu dominio. Fera pela astucia que subira no pontificado, e n'esse throno de lama ainda sabia manejar as mesmas armas. Revolucionado pelos povos como Vigario de Christo, instando pelo exemplo de Gregorio VII de que foi o imitador, esse Papa execravel queria que a terra fosse sua. Abrejava por todas as curias rojarom-lhe nos pes, e ambicionava collocar seu throno sobre a cerviz do genero humano. Tinha a força do seu genio para sustello. Tinha a maldade da Egreja para conseguir apoderar-se da sua preza. Sabia se quizesse incarnar não podia ter uma melhor incarnação que a de Innocencio III. Este Papa lá sustello no mal.

Um Papa da tempore de Innocencio não era homem que deixasse medrar pacientemente a heresia. A heresia seria a morte para a Egreja, e elle trabalhava para fazer circular a vida no seio d'esse abutre. Convinha que a Egreja vissees endura a vida lhe fosse comprado com os maiores crimes.

Assim pensou o Papa. Assim do alto do seu throno de infidelidade o decretou. Mais alguns rios de sangue eram precisos para fangir a purpura romana. O sangue nunca causou medo ao Papado. E no sangue que essa colômbide tem banhado as suas doutrinas.

Antes porém de pregar a cruzada Innocencio havia procedido politicamente. Mandara ler legados seus visitar a metes-dia da Franca. Visitar? Não—trucidar. Os legados magistralmente desempalharão a sua missão. A cada canto arvoraram uma força, e em cada força depredaram um heretico. Para aliar as forças agendaram tambem centenas de fogueiras, onde os homens serviam de combustível. Procederam diplomatica e santamente. A diplomacia e



O BEIJO NO CONFESSIONARIO.

«Scena do Confessionario.»
Juro padrinho, juro por Deus nosso Senhor, que ha-de voltar do Rio de Janeiro.
Juro, diz, todo tremendo Frei Magrelo, juro que voltarei.
—E voltou coitadinho, mas vrio tao magro...
O gaiato D. Geriba quando vai para o Convento procura as praças e ruas pouco habitadas!!!
—Pra que isso, Antoninho, nós sabemos dos teus passos...
Disem que foi ha dias despedido de um dos nossos Seminarios, um cozinho portuguez, perito na sua arte e homem simples e de bons costumes, por causa de ciúmes e intrigas de uma Meretriz!!!!
—E viva o celibato clerical! Viveu!

Frei Ozorio—O amoroso—faz bichas no dia 13 do corrente! Depois do entoadado discurso, apañou um guiso preto furioso!!!
—Assim meu padraez, andar assim que e bom andar.
Eu que se parecem os modernos galinos com os tartufos da paupelluda?
—Os modernos galinos pescou passando o anzol pelas grades das lojas; e os tartufos da paupelluda e dentro as grades do confissionario que jogam o anzol.
O paluseo D. Geriba mandou comprar, a uma livraria da rua de Nazareth, um dictionario de flores!
—Quem vor que já apprendem com seu Ozorio...

O perigoso importado mette-se agora com a Maronaria.
—Descanço tartufo, a d'aqui não te dá importância.
Aza negra—a embusteiro—já publicou a sua primeira carta, e nós vamos publicar a despedida de certo cozinho.
—O publico dirá qual e mais edificante.
O talento de borraicha diz na sua primeira carta de transcripções:
«Passara nossas vacas despertar nos chãos de bea a santa paixão da cidade!!!!
De modo que os homens de bea são mentirosos!!
—Este tartufo seria digno de severa punição, se não fosse um asno chapado.

A Virca no seo ultimo numero dá noticia da nova Fimda de S. Luiz.
—Pobres seminaristas... lá se vão as magras mesadas...
Na festa do Seminario a banda do 5.º batalhão tocou peças com solos do canario; e o Geriba ficou tão commovido que principiou a mexer-se na cadeira!!!
—Quem foi rei, sempre lhe fica a magestade...
Movimento dos templos—Santa Antonio na sexta-feira ultima:
Realas que nada papam..... 5
Ditas do paio de lo..... 18
Padre mestra das ditas..... 1
Seo pausinho lustrado..... 1
Jesuitas communs..... 7
Ditos espedidores..... 3
Dito da Villa do Paço..... 1
Curiosos diversos..... 11
—NB. Seo Pureza foi, e até espirrou.

O jornal pressiona sentimenta a digna Sociedade Paranaense pelas tropelias de Seo comuna e seus igones e tem satisfação em confessar que ainda não viu Parvos tão avantajados como estes.
Soror Pompodour.

O templo estava aberto! Ao fimda, um sacerdote Aos pés prostrado tinha o rosto meigo e bello De um anjo!—Uma criança!
O pranto de seus olhos, as faces desmaiadas, Attestão o soffrimento de quem solga e almaja Um raio d'esperança!
Sublime e grande quadro! A pobre innocentiua Chorava com outa ora a triste Magdaleua Aos pés do creador.
A vista tentu erguer! fitar os negros olhos Na cruz em frealo algada, e encontra o rosto austero Do padre confessor!
Qual ave de rapina que a furto espreita a presa Que vem mesmo entregar-se ás garras que a espedagam Em fim agado ensejo, Assim o sacerdote com as faces dilatadas Filava a innocentiua com ar de quem se afunda Em lubrico desejo!

Medunho, estranho choque a vista lhe escurece! Convulso o corpo freme, palpita com mais fveza Seu ferro coração!
Procura levantar-se, correr espavorida D'aquelle que buscara afim de dar-lhe alento —Fugir á sedução!
Não pode! ella desmaia! Qual flor tímida e bella Na haste balongada com força, vai finar-se Ao sopro do pumpeiro, Assim ella julgou-se perdidu, abandonada Ao ver os rudes gestos d'aquelle que devera Ser Christo!—verdadeiro!—
Começa a confissão! de Roma immensa obra! Tornada porem, hoje um meio de conquistas Por negros Phariseus!
Por homens embusteiros, affeitos aos principis Mais torpes e communs; infames segregados— Ao do proprio Deus!

A virgem se debate em luta de agonia! Repelle convulsiva as phrasas emanadas Do novo satanaz!
E treme, ella coitada, que vinha convencida De achar no templo um guia que a vida lhe tornasse Em doce e santa paz!

O monstro não descança! tentar lizen de novo Colher o infame premio a força do promessas De vil hypocrisia!
Da virgem se aproxima, agarra-lhe nos braços, E os labios ressequidos unzo collar-lhe ás faces —Sorrindo d'allegria!—
Novembro—1880.

Oscar d'Alca.

CHRONICA.

A Gazeta de Noticias da Corte, noticiando o apparido d'O Mallo, declara que o suppon redigido pelo autor destas chronicas com o pseudonimo de João Alfonso.
Apressamo-nos a deslizar semelhante engano, que nos lisonjeia afiz, parem de grande inconveiente para o verdadeiro redactor d'O Mallo—o legitimo João Alfonso.
E aproveitamos esta occasião para apresentar a nossos amigos do Rio de Janeiro, como um dos bons talentos da Maranhão e como um caracter perseverante e trabalhador, que tem conseguido muita por meio da escolha proprio e da applicação expantanea.
Conhecem-no por consequente o Fontoura Xavier, Arthur Barreiros, Thomaz Alves, Lopes Trovão, Ulys de Albuquerque, José da Patrocinio, Theophilo Dias, Teixeira Mendes, Cordoville, Pereira da Silva e Gustavo Fontoura.
Aprezento-lhes João Alfonso do Nascimento, rapaz de vinte e cinco annos, que, apesar do nunciar pelo estado da Maranhão, conhece-os a todas; está a par de toda o movimento dessa corte e promete por um de nossos honnens ates e hois.
João Alfonso e um rapaz moderado por excellencia—aborrece a pomada e o titilo—desdenha das cartas de hacleret e tem horror ao lyrismo e ao palavreado da retórica—e casada, perfeitamente pratico, positivo, magnifico chefe de familia. Não toma horas de descanço—e despenhido, redactor, impressor e revisor da Flecta, recebe encomendas de trabalhos de esqarella, lapis e estumada, gosta de representar em sociedades dramaticas particulares, faz exercicios hygienicos, pa-

godeia com a familia no carnaval, não frequenta egrejas, não admite convenções scientificas, nem atísticas, nem sociaes, e amavel com as mulheres, pherico com os rapazes, exigente com os affanteos e hircocollado com as crianças.
Tem um estomago esplendido e um saho doorado—percorrer a escala scienciaes que Augusto Comte prescreve a quem deseja posuir uma instrução soada. Adora o Bomalho. Ortição e tem uma filha linda. Enfia João Alfonso e um digno discipulo de Samuel Smalles e um operario que está plenamente convencido de que o trabalho e o unico caminho para a dignidade individual, para a formação do caracter e para a occultação da personalidade.
E apesar do tudo isto João Alfonso tem tempo de ler os jornaes da lize e os jornaes da Europa. Com o segredo de sua actividade inquebrantavel, neta-se a par do movimento geral do progresso, o parece que ligou sarra-tivamente a sua vida uma engrenagem dessa grande manivella.
Finalmente si as amigos quizerem m libtes e mais claras informações a respeito do nosso apresentado e só conversar com o Arthur Azevedo a respeito delle—o Arthur conhece-o lize bem o melhor de que nos.
Até liza, rapazes, mandam-nos jornaes d'ali, que ha duos vapores não os recebemos.
A Civilização deu agora para cultivar a epistola—altrou ao publico desta cidade a—Primeira carta aos macons da Maranhão.
Si encarmos a cousa pelo lado scienciaes achamos quichotesca a idea, mas si a encararmos pelo lado hygienico achamos de grande vantagem para os pallidos e lymphaticos leitores da Civilização.
No principio caso julgamos quichotesca, porque a liz carta falla com assombro de um

inimigo terrivel, que se reune nesta pacifica cidade pelas horas mortas da noite, com o fim revolucionario de conspirar contra a egreja, contra os padres, e contra Jesus Christo.
E pinta esse inimigo com as cores mais assustadoras, que e possível imaginar—veste-o cor de fogo, gruda lhe malacacheta nas ohas e nos dentes, prega-lhe um rabo, enxaixa-lhe no calcega um par de cornos, mette-lhe um tridente na mão, attribui-lhe azas de marcego, empresta-lhe pés de lode e dá-lhe um chieira de enxofregachamos. Quando no entanto esse inimigo não existe absolutamente na provincia.
Aqui temos o maçon, é exacto! mas um maçon parata, bta pessoa, burgnez, methodica, rúgoso, com uma barriga enorme, com uma caixa de rapé no bolso e um calo no dedo minimo do pé.
Temos o maçon bom chefe de familia, bom empregado público, muito bom negociante de serenos e molliados, defensor da carta constitucional, observador dos mandamentos do lei de Deus, leuante do Diabo e accionista de varias companhias.
Isso e que e o maçon maranhense; e a Civilização a sabe tão bem como nós, mas lize esquerda, quer conversar e, agora, depois de esperar por muito tempo que o inimigo se apresentasse, como elle não apresentou-se, apparece ella toda paramentada de capote, canieira e lanca e, montada currualevemente a um rocante mais magro que o padre Fonseca, grita com a sua voz de rapé—Alerta! Temos um inimigo terrivel! Hei-mos de atear-o! Querem as untar o bicho!
Ora Civilização!... repari que já não es crinca—outro officio!... que para cá vens de carrinho!
Isa quanto a primeira hypotheses; quanto a segunda—si achamos hygienico para os leitores da Civilização o apparecimento, do tal jornaes, e porque entendemos que esse apparecimento signifiu apenas que os pobres augmentaram mais um commido ao seu vasto edificio—fizeram uma secreta, boa, confortavel e inteiramente independente do resto da casa.
O novo jornaes não e mais do que um cano de esgoto do jornaes catholico—por ali hade para o futuro escorrer toda a padridão que os reverendos tiveram no ventura escrupulo em despejar na Civilização.
São desejaríamos que o cano em vez de exaurir nas ruas da cidade fosse lançado ao mar as lizes e os humores ruins do seo co-nego Mourão e C.
Por consequente descanço o publico que as lizes cartas aos macons são a causa mais innocensa e innocente que podera apparecer—contra ellas não precisamos crear jornaes, oppor artigos nem preparar caceres—basta taparmos o nariz e albrarmos-lhes alguns pitadas de enl e fel de boi.
Recebemos do Padre Eterno, por intermedio de um obsequioso cavalheiro do interior da provincia, a distincta honra de uma
MILAGROSA CARTA
Achada em um logar chamando Aires, lizea leguas distante de S. Marcos, escripta em lizeas de ouro, pelas proprias mãos de Deus Salcedar e Redemptor, Nosso Senhor Jesus Christo, Filho da Virgem Maria Nossa Senhora. (sic)
«Nos domingos não fazeis nada de serviço, com pena de serdes por mim amaldiçoado. — lizeis a egreja, supplicar humildemente a Deus que vos perdoe os vossos peccados.—Eu vos dei seis dias para trabalhar, e o setimo para descansar, e só nesse pretendo o serviço de Deus.—Deveis repulir com os pobres dos vossos bens, e então os vossos campos produzirão espessos fructos, e pelo contrario se a esta não derdes credito e não lizeedes a que vos digo nesta carta, a multidão cairá sobre vossa familia e vossos annos, mandareis peste, lome e guerra, dores de coração, para signal de justiça cruel e dura vingança.— Tambem vos mandarei signaes nas proprias estrellas.—Jegareis cinco sexta-feiras, em honra das cinco chagas que soffiu na Arvore de Santa Cruz, para vos salvar.—Dareis esta Carta a quem a pedir, sem mais interesse do que a minha gloria.—Aquella pessoa que disser não desta Carta verá da mesma sorte amaldiçoado e maladido.— Quem tiver esta Carta em casa, sem a publicar será de mesma sorte amaldiçoado, e terrivel será o dia do juizo.—Se uardardes dos meus Mandamentos e os da Santa Madre-Egreja Catholica Romana, fazendo uma verdadeira penitencia, gaxareis da vida eterna.—Aquelle que lize com devoção esta Carta, e publicar que foi escripta por mimhos Sagradas Mãos e tudo proferido por minha Sagrada Boreca, ando que tenda todos peccados como dias tem no anno, he serio todos perdidos, fazendo uma verdadeira penitencia.—Aquelle que não der credito a esta Carta, mandarei que os meus

